

Paternidade: um estudo psicanalítico sobre pesquisas desenvolvidas no contexto brasileiro

Fatherhood: a psychoanalytic study about Brazilian researches developed in Brazil

Juliana Prado¹

Jorge Abrão²



Resumo: O presente estudo visa, através da Historiografia da Psicanálise e da metodologia “Estado da Arte”, uma investigação de caráter histórico relativa à produção de artigos psicanalíticos surgidos nas três últimas décadas, tendo como tema principal a paternidade no Brasil. Identificaram-se nos dezoito artigos analisados, algumas linhas de regularidade que permitem afirmar que a paternidade e o papel do pai se configuram hoje como o intercâmbio entre as funções materna e paterna, moldando pais cada vez mais próximos e nutridores. O pai continua sendo o responsável por seu papel simbólico de interditar a relação incestuosa mãe-filho e inserir o indivíduo na cultura e sociedade.

Palavras-chave: artigos, paternidade, psicanálise.

Abstract: The present study is an historical investigation about Brazilian psychoanalytic publications related to the Fatherhood in Brazil belonging to the last three decades. It consists on studies regarded to the intellectual production of fatherhood in Brazil, taking into consideration not only what is being published about this subject, but also considering the way this subject is being elaborated by Brazilian authors. It was verified with this study that the father is still responsible for the mother-son relationship prohibition, considered to be his symbolic function according to Psychoanalysis, and also important to introduce the individual in society and culture. As result from all the changes that the family configuration has suffered over the years, the picture of the father is found in process of transformation. Everything seems to be moving to a model of a nurturing father once fatherhood has been seen as an exchange between the maternal and paternal functions.

Keywords: articles, fatherhood, psychoanalysis.

1 Psicóloga e Mestre em Psicologia e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista (Unesp)

2 Psicólogo, Professor Adjunto na Universidade Estadual Paulista (Unesp – campus Assis)

Paternidade: um estudo psicanalítico sobre pesquisas desenvolvidas no contexto brasileiro

Fatherhood: a psychoanalytic study about Brazilian researches developed in Brazil

Juliana Prado

Jorge Abrão

Introdução

Fruto de todas as transformações que a configuração familiar sofreu ao longo dos tempos, a figura e o papel do pai se encontram hoje em processo de transição.

A Paternidade é um fenômeno que foi pouco abordado durante as últimas décadas pelos pesquisadores, vindo a ser estudada, com maior consistência, segundo Brasileiro, Jablonski e Feres-Carneiro (2002), apenas a partir dos anos de 1980, que decorrente de diversas alterações ocorridas na sociedade durante este período, culminou na luta das mulheres por seus direitos e liberdade durante a Revolução Feminina. Contribuindo com entrada da mulher ao mercado de trabalho, este movimento colocou em cheque o lugar social do homem, bem como o modelo familiar patriarcal predominante da sociedade brasileira (Bruchini & Ridente, 1994; Gomes & Resende, 2004; Perucchi & Beirão, 2007), corroborando com o surgimento de novos arranjos familiares e uma paternidade contemporânea.

Desde a família tradicional/patriarcal até a família considerada pós-moderna, pôde-se verificar os diversos papéis atribuídos a figura paterna ao longo das configurações familiares. Inicialmente, tínhamos um pai autoritário, tendo seu poder e autoridade amparados através do Absolutismo político e da Igreja Católica, que o assemelhavam a figura de um deus e de um rei. Sua principal função dentro da família era a de provisão material. Os casamentos eram arranjados e detinham o intuito de propagação dos bens materiais/riquezas da família.

Posteriormente, com o movimento Iluminista e a Revolução Francesa disseminando seus ideais de igualdade e fraternidade, deu-se início à propagação do amor romântico no âmbito familiar e, como consequência, o modelo familiar operante da época começou a se modificar. Nesta nova configuração familiar, agora entendida como família Moderna, tem-se a valorização da divisão do trabalho e a participação no cuidado do filho por ambos os cônjuges.

Além disto, também como consequência destes dois movimentos históricos mencionados acima, as mulheres passam a buscar seu intelecto e vão assumindo cada vez mais a liderança do lar, começando a exercer funções consideradas até então, exclusivamente masculinas. Temos, desta forma, o início do declínio do poder paterno.

Por fim, constituindo a família contemporânea ou pós-moderna - fortemente influenciada pelos movimentos da década de 1960, em particular o movimento feminista -, cuja característica é a união entre dois indivíduos que buscam a satisfação de seus próprios interesses. As relações de autoridade entre os parceiros tornam-se cada vez mais difícil, uma vez que divórcios, separações e recomposições conjugais aumentam, abrindo espaço para que surjam novas configurações familiares (Roudinesco, 2003). Vale ressaltar que esta autora deixa clara a importância em se considerar a história e as mudanças que contribuíram para que a família se transformasse nesta instituição moderna dos dias atuais, e não apenas defini-la utilizando-se do ponto de vista antropológico, resumindo-a na união entre um homem e uma mulher, de maneira que a origem desta família dependa de mais duas outras famílias que sejam responsáveis por fornecer estes "seres" do sexo feminino e masculino.

A crise da masculinidade, decorrente principalmente da Revolução Feminista, tem levado um número de homens a refletir a respeito de suas experiências patriarcais e seus respectivos papéis no cenário doméstico e nas relações familiares. Se o modelo familiar atual da sociedade brasileira encontra-se em transformação, por conseguinte, as funções pré-estabelecidas para a paternidade também estão. Agora, da mesma forma que as mulheres ingressam no mercado de trabalho, dominado até então pelos homens, estes passam a compartilhar algumas tarefas domésticas e também a educação dos filhos (Freitas et al.,

2009).

Atualmente, com a maior participação da mulher no mercado de trabalho, Ramires (1997) nos conta que os homens não podem mais fugir da divisão de tarefas e responsabilidades para com o filho e com a casa. Este novo espaço proporcionado à figura masculina, agora co-participante das atividades domésticas, possibilita uma redescoberta da paternidade, do significado de ser pai e de que forma esta paternidade pode ser vivenciada.

Observa-se que o pai contemporâneo se assemelha à figura de um pai mais presente e identificado com as exigências contemporâneas da família, expondo seus sentimentos e se opondo ao modelo tradicional de distanciamento entre o físico e o afetivo (Gomes & Resende, 2004).

Pensando justamente nesta paternidade contemporânea, o presente artigo se preocupou em investigar e sistematizar as produções psicanalíticas produzidas a respeito do conceito de Paternidade na sociedade brasileira durante as últimas três décadas. Por não existir até o momento um trabalho que tenha sistematizado os estudos e pesquisas brasileiras produzidos sobre o tema paternidade a partir do viés da Psicanálise, torna-se difícil afirmar precisamente como esta linha teórica tem estudado e entendido este tema no Brasil.

Diante de tais considerações, este artigo teve como objetivos identificar a produção teórica psicanalítica a respeito da Paternidade no contexto brasileiro; identificar os autores brasileiros que se dedicaram a estudar a Paternidade, utilizando-se do enfoque psicanalítico; compreender quais as concepções de Paternidade vigentes na família contemporânea; e reconhecer as principais influências teóricas entre as diferentes correntes psicanalíticas que prevalecem nos estudos sobre paternidade.

Para darmos forma aos objetivos propostos acima, organizamos este artigo da seguinte forma: primeiramente será apresentada a metodologia utilizada na construção desta pesquisa, seguida da análise qualitativa dos materiais encontrados, permitindo o agrupamento e a sistematização dos artigos a partir de temas centrais.

Método

Dedicando-se a um estudo histórico sobre o tema Paternidade no Brasil e elegendo a psicanálise como linha teórica a ser utilizada, pode-se considerar que os estudos referentes a esta pesquisa estão inseridos no âmbito da “Historiografia da Psicologia”, ao considerarmos a definição de Woodward (1998, p. 62-63) sobre historiografia:

O pensamento histórico não é muito diferente de qualquer outra forma de trabalho intelectual. Em princípio divide-se em duas partes ou fases: método histórico ou análise das fontes, e historiografia, ou análise e síntese. Em outras palavras a coleta de dados leva à apresentação dos resultados e conclusões. Na prática a palavra ‘historiografia’ passou a ser aplicada a ambas as partes, a análise e a síntese.

De forma mais específica, o presente estudo encontra-se circunscrito ao campo de investigação denominado historiografia da psicanálise, pertencendo ao enfoque da Abordagem Contextual. Conforme explica Abrão (2004), uma vez esgotada a descrição dos fatos relevantes para a história da psicanálise, os pesquisadores passam a voltar a atenção para uma análise mais refinada dos dados disponíveis, de maneira que a compreensão das passagens históricas é ampliada, possibilitando novos ângulos de interpretações dos dados já existentes. Dentro deste enfoque da Abordagem Contextual encontra-se a metodologia de pesquisa denominada de “Estado da Arte”, através da qual esta pesquisa buscou alcançar os objetivos propostos.

Na abordagem contextual, os fatos históricos ganham uma nova conotação, uma vez que sua utilidade não se restringe ao caráter informativo, prestando-se, sobretudo a análises mais depuradas que

permitem inserir o movimento psicanalítico e seus personagens nos contextos cultural e científico vigentes no período estudado. (Abrão, 2004, p.22).

Através do método “Estado da Arte”, (pertencente ao enfoque da Abordagem Cocontextual, e, portanto, pertencente à Historiografia da Psicanálise) que conforme nos explica Ferreira (2002), busca identificar, mapear, delimitar e discutir o que se tem produzido a respeito de um determinado tema - a Paternidade a partir do enfoque psicanalítico, no caso deste artigo -, optou-se por um levantamento de artigos brasileiros nas bases de dados Scielo, Lilacs e BVS-Psi, utilizando-se das palavras-chave Paternidade e Psicanálise, independente da área do conhecimento em que os artigos foram encontrados. A escolha por artigos, e não por teses se deu na intenção de uma maior amplitude e abrangência de trabalhos encontrados sobre o tema.

Inicialmente foi feito um levantamento dos artigos produzidos no Brasil sobre o tema Paternidade nas bases de dados já citadas acima. Levando-se em consideração as limitações da leitura apenas dos resumos, nesta pesquisa foi feita a leitura integral dos documentos selecionados. Seguindo a metodologia de pesquisa proposta neste trabalho, após o levantamento dos estudos a serem avaliados, estes foram analisados de forma quantitativa, com a finalidade de se obter dados mais objetivos. Encontrou-se o total de dezessete artigos sobre o tema proposto.

Posterior à análise quantitativa dos trabalhos, foi realizada com os mesmos uma análise qualitativa para a sistematização dos dados referentes às produções sobre Paternidade, segundo o referencial psicanalítico, conforme proposto na metodologia “Estado da Arte”.

Foram priorizados nos artigos identificados, aspectos como: número de publicações por ano; local/região em que as pesquisas foram produzidas; metodologias e referenciais teóricos mais utilizados; o que se tem produzido sobre o tema; e a área de produção das mesmas.

Ao analisar os dezessete artigos produzidos sobre o tema Paternidade na sociedade brasileira, sob a luz do referencial psicanalítico, foram encontradas categorias variadas relacionadas a este assunto, sendo estas, classificadas em quatro temáticas, levando em consideração a semelhança dos argumentos. Os temas classificatórios foram: 1) Função Paterna: constituição do sujeito, da coletividade e do social; 2) Representações da paternidade na atualidade; 3) Função Paterna e a constituição da saúde mental; e 4) Outros. Vale ressaltar que esta última temática engloba dois artigos cujos temas não correspondem às demais temáticas de análise apresentadas.

No intuito de contribuir ainda mais para os estudos da Paternidade na sociedade contemporânea no Brasil, justifica-se o uso da metodologia do Estado da Arte, como forma de colaborar e facilitar com a sistematização de trabalhos produzidos sobre este tema, o conhecimento a respeito do que vem sendo produzido sobre o tema central desta pesquisa.

Paternidade: um intercâmbio entre a Função Materna e Paterna

Quanto ao número de artigos publicados por ano, foi constatado que estes se encontram entre o período de 1985 e 2011. Com o total de oito publicações, 2002 e 2006 foram os períodos em que mais se publicou a respeito da Paternidade.

Em relação aos locais/regiões em que os artigos foram publicados, a maioria das publicações foi proveniente da Universidade de São Paulo. A Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Porto Alegre), a Pontifícia Universidade Católica – Rio Grande do Sul, a Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade de Brasília (UnB), Pontifícia Universidade Católica – SP, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, PUC – RS e UFRJ também se fizeram presentes, no entanto, em um número menor quando comparados às publicações pela Universidade de São Paulo.

Quanto às áreas de produção dos artigos/autores dos artigos, a maioria das pesquisas

se encontra pertencente à área da Psicologia, sendo dois artigos provenientes da Sociologia e Enfermagem. A metodologia de pesquisa mais utilizada pelos pesquisadores dos artigos foi a de caráter bibliográfico.

Conforme já abordado anteriormente, a Paternidade encontra-se hoje, em processo de transição. Em virtude das mais variadas transformações ocorridas no âmbito familiar, a figura do pai autoritário e ditador dá lugar à figura de um pai mais próximo e participativo tanto das atividades do lar, como das atividades relacionadas à criação dos filhos.

A Psicanálise considera a figura do pai importantíssima quanto ao desempenho da Função Paterna (no Complexo de Édipo), mas ao mesmo tempo, não desconsidera o papel fundamental que a figura materna apresenta na inclusão do pai em seu discurso, e os desfechos que uma falha nesta etapa de nomeação do pai pode acarretar tanto ao desempenho e exercício da Função Paterna, quanto ao psiquismo do sujeito. É partindo de tais considerações que as categorias de análise retratam a importância do pai e sua Função Paterna através das mais variadas temáticas.

Referentes à primeira temática, “Função Paterna: constituição do sujeito, da coletividade e do social”, foram encontrados sete artigos, tornando esta temática a mais trabalhada pelos pesquisadores.

Com os objetivos mais variados possíveis, o que estes sete artigos trazem em comum é a relação existente entre a função paterna e a transmissão da cultura, a importância do papel do pai/Pai na constituição do sujeito, dos laços sociais, da coletividade e na configuração do sujeito moderno.

O tabu do incesto e o mito do Complexo de Édipo foram mencionados e relacionados à constituição do sujeito, da coletividade, e à transmissão da cultura na sociedade através de vários autores das pesquisas referentes a esta temática (Dunker, 1998; Martinelli e Lo Bianco, 2006; Teixeira, 2002).

Teixeira (2002) explica que é através do confronto da onipotência do pai pelos filhos, que agora se unem na condição de irmãos para realizarem um ato de violência – o assassinato do pai -, que a cultura é instaurada. O pai da horda primeva passa a ser o responsável por instaurar a cultura e a civilização através do crime cometido pelos filhos, sendo a Lei instaurada através da identificação destes filhos (agora na condição de irmãos) com os sentimentos de culpa e arrependimento, provenientes do crime realizado.

Esta autora deixa claro que a função paterna não se apresenta como argumento único para explicar a organização coletiva, sendo de importância fundamental se considerar a fraternidade entre os irmãos, que ao cometerem o ato de violência para com o pai, não ocuparam exclusivamente a posição de filhos. Teixeira (2002) esclarece que é a morte do pai, a responsável por fundar a Lei, por transformar o pacto entre os irmãos em um pacto social.

O declínio da função paterna foi apontado pela maioria dos pesquisadores (Dunker, 1998; Naves, 2001; Rebouças, 2001; Silva, 1999; Teixeira, 2002; Vorcaro, Mazzini & Monteiro, 2008) como sendo a principal causa atribuída aos atos de violência exacerbada, mal-estar diante de situações de desamparo - ambas configuradoras do sujeito moderno-, e fragilização do pacto social. O sujeito moderno, segundo estes autores, além de infrator da lei/Lei, torna-se cada vez mais narcísico, individualista e intolerante às diferenças, em virtude desta falha na Função Paterna encontrada nos dias atuais.

Uma falha da Lei do Pai acarretaria ao pacto social à condição de fragilidade, não-legitimidade das leis culturais provenientes da desestruturação dos vínculos, e o desfrutar dos bens culturais, primordialmente, desconsiderando a noção de outro (Teixeira, 2002).

Silva (1999), por sua vez, elucida que para que o sujeito exista, é necessário que ele se depare com o Outro (Pai/Função Paterna) como o instituidor da novidade, da diferença, como aquele que funda a marca. Caso isto não aconteça, ou seja, caso a função paterna falhe, o sujeito será sempre intolerante com seu semelhante. Este autor chama a atenção para o fato de que uma vez observado o declínio da paternidade e o enfraquecimento da

palavra em nossa sociedade, os sujeitos passaram a confessar abertamente seu gozo. Tudo lhes parece possível.

A esse respeito, Vorcaro et al. (2008) apontam que na sociedade de hoje encontramos o esgotamento do Grande Outro – que representa autoridade e é organizado pela cultura; e o sujeito só se faz semelhante a ele se este lugar foi imaginado como um lugar habitado pelo pai – como uma consequência do declínio da função paterna.

Se antes a manutenção da vida era regida através de um limite imposto à consumação do gozo, se antes a vida era um bem pelo qual o sujeito usufruía, mas não se dispunha dela, hoje, neste novo modelo cultural (capitalista), caso a vida seja um obstáculo ao gozo, ela poderá perder seu próprio valor e até ser sacrificada. A vida do Outro e nossa própria vida pode se tornar um valor mercantil.

Por outro lado, Vorcaro et al. (2008), discutindo as influências sociais e relacionando-as ao conceito laciano de metáfora paterna, ressaltam que considerar a causa dos atos infracionais decorrente exclusivamente de uma falha do significante Nome-do-Pai individualiza o problema e desconsidera os fatores sociais, que para os autores, são importantíssimos para a análise.

Conforme demonstrado com esta temática, o pai se faz importante na medida em que é o responsável por instaurar a Lei e inserir o indivíduo na cultura e na sociedade, de modo que a falha, ou um desempenho ineficaz de sua Função Simbólica, comprometerá de forma significativa, a noção de alteridade, além de colaborar com a fragilização do pacto social.

A segunda temática, “Representações da paternidade na atualidade”, teve quatro artigos analisados, sendo o segundo tema mais recorrente nas pesquisas. Com objetivos diversos, estes artigos revelaram que, em detrimento às muitas transformações ocorridas em nossa sociedade e no âmbito familiar, o modelo autoritário patriarcal, no qual a função de provedor é atribuída ao papel do homem e os afazeres domésticos relacionado aos deveres femininos, ainda é encontrado atualmente em algumas famílias.

Partindo da ideia de que os papéis atribuídos ao homem e à mulher foram e são influenciados pela cultura e sociedade, Borsa e Nunes (2011) revelaram que alguns resquícios do modelo patriarcal - por exemplo, o papel da mulher ser prioritariamente o de cuidadora da prole, maternidade e afazeres domésticos e o papel do homem ser o de mantenedor da economia da casa - ainda são encontrados hoje, na sociedade e família contemporânea, em particular nas famílias com um menor poder aquisitivo.

Thurler (2006), em um artigo com o objetivo analisar a paternidade quanto ao exercício do reconhecimento geracional, considerando as dimensões formal-legal e afetivo-social, interpreta o não-reconhecimento da paternidade pelos pais de crianças brasileiras como a persistência de antigas práticas patriarcais, nas quais o arbítrio masculino foi – e tem se mantido – naturalizado. Segundo o autor, a superação das relações sociais patriarcais é um indispensável para a efetivação do direito à igualdade de todas as crianças à filiação paterna – sejam estas crianças nascidas em relações eventuais ou estáveis, no casamento, ou fora dele – e para o desenvolvimento da solidariedade como promotora da igualdade de responsabilidades e direitos entre mulheres e homens, relacionados à parentalidade.

Apesar de todas as mudanças ocorridas na sociedade e na família contemporânea, principalmente a Revolução Feminista e a crescente entrada da mulher no mercado de trabalho, Borsa e Nunes (2011) demonstraram que mesmo com a divisão mais igualitária dos papéis ocupados pelos cônjuges no que diz respeito aos afazeres domésticos e cuidado dos filhos, a relação mãe-filho ainda é enxergada como básica, universal e psicologicamente mais apropriada ao desenvolvimento infantil do que a relação pai-filho, estando as mães ainda muito mais envolvidas com o cuidado de seus filhos do que os pais.

Chechi e Hillesheim (2008) buscaram compreender como a mídia tem representado a paternidade na atualidade. Esta pesquisa evidenciou pais participativos da educação e do processo de gestação do filho, retratando a figura de pais mais sensíveis atualmente.

Segundo estes autores, os pais parecem admirar mais os filhos do que os filhos admiram os pais, demonstrando uma configuração familiar diferente da família nuclear burguesa na qual o pai era visto como uma figura distante do filho.

Em um artigo que teve como categoria de análise a figura do pai contemporâneo e seus componentes afetivos, os autores Gomes e Resende (2004) consideraram o fato de que a figura paterna se encontra em um momento pelo qual o mundo contemporâneo passa a exigir uma revisão de papéis acerca da paternidade e suas respectivas tarefas. Estes autores revelaram que talvez o principal diferencial do pai contemporâneo seja ele se dispor a reconhecer seus sentimentos e confrontá-lo com as imposições do papel masculino, tido como machista.

Considerando tudo o que foi exposto através dos artigos referentes a esta temática, identificamos que apesar de em algumas famílias com um menor poder aquisitivo ainda encontrarmos algumas características do modelo familiar patriarcal, o pai contemporâneo é um pai mais presente e identificado com as exigências contemporâneas da família, exibindo seus sentimentos e se opondo ao modelo tradicional de distanciamento entre o físico e o afetivo.

A terceira temática, “Função Paterna e a constituição da saúde mental”, abrange quatro artigos que consideram a função paterna importantíssima na estruturação psíquica do sujeito e na saúde mental (Romero-Rodriguez & Vizzotto, 2006; Garcia, 2002; Folberg & Maggi, 2002; Costa & Katz, 1985).

Foi verificado que as relações parentais são importantíssimas na formação da personalidade e no estabelecimento de relações que serão constituídas posteriormente (que vão além das relações estabelecidas com os pais). Romero-Rodriguez e Vizzotto (2006) deixam claro que desde o nascimento e nos primeiros anos de vida da criança, as relações estabelecidas entre ela e seus pais compõem a base vincular para constituição da saúde.

Seguindo a teoria Kleiniana, estes autores esclarecem que no início do desenvolvimento da criança, o bebê se encontra identificado com a mãe e a figura paterna não é ainda percebida por ele.

A figura do pai só será percebida quando a frustração do desmame ocorrer, despertando o conhecimento inconsciente dos pais quando a criança começa a fazer a integração de objetos e é capaz de reconhecer e diferenciar este pai. A partir de então o bebê se depara com aquilo que Melanie Klein denominou de Complexo de Édipo Precoce (Romero-Rodriguez & Vizzotto, 2006) e o pai entra em cena para exercer sua função.

Com a entrada do pai na relação mãe-bebê, a criança encontra uma terceira pessoa através da qual ela pode dirigir seus sentimentos de ódio e sua insatisfação com a mãe. O pai marca a separação do bebê com a mãe e é o responsável por apresentar o mundo externo ao seu filho, sendo para ele a sua primeira noção de relação social com um mundo “além-da-mãe”. “A partir do momento em que a criança percebe que ‘agora são três’, o triângulo representa a primeira noção de grupo” (Romero-Rodriguez & Vizzotto, 2006, p. 88).

Em outro artigo referente a esta temática, Costa e Katz (1985) procuraram discutir questões ainda não muito claras, segundo os próprios autores, quanto à psicogênese da neurose e do caráter obsessivo, considerando em particular, a contribuição que o distúrbio da relação pai-filho pode trazer à neurose obsessiva.

Estes autores partem da idéia de que a psicogênese da neurose e do caráter obsessivo estaria pautada nos acontecimentos relacionados à educação esfínteriana e ao conseqüente fracasso da vivência edípica; ou seja, seria uma defesa regressiva ante o Complexo de Édipo.

De que maneira e em qual momento a mãe ensinará à criança as normas desta educação esfínteriana, e a forma pela qual a criança, com suas disposições inatas e fantasias inconscientes as irá receber, determinará se a criança ultrapassará apropriadamente esta fase anal, ou permanecerá nela fixada, tornando-se obsessiva (Costa & Katz, 1985).

É após explicarem a psicogênese da neurose e do caráter obsessivo que Costa e Katz (1985) inserem sua ideia de que além da mãe, o mundo da criança envolve outros objetos, como por exemplo, o pai. E que a este pai cabe um papel fundamental no processo de separação-indivuação da criança, na aquisição de um modelo de identificação masculina e na aquisição de sua autonomia. É impossível que um filho se separe de sua mãe sem que o pai interfira especificamente em todas as etapas do processo de separação-indivuação.

Segundo a hipótese destes autores, se o filho só se separa da mãe através do pai, e se a crise da educação esfínteriana é determinada pela incapacidade da criança em atingir autonomia, a falta de um pai que cumpra seu papel de forma adequada também se constituiria um dos fatores específicos da neurose obsessiva.

Com uma falha na função paterna, a criança permanece identificada com a mãe e isto lhe gera sentimentos agressivos que não podem ser expressos por medo de perder o amor materno. A única saída para o filho é se submeter às vontades da mãe.

Enfraquecida ou inexistindo a presença de um pai que desempenhe a função paterna que a ele foi atribuída, e uma mãe que forçosamente impõe à criança precocemente as normas da educação esfínteriana, temos a configuração de um filho identificado com a mãe e com suas exigências, sem autonomia para satisfazer seus próprios desejos e, portanto, com todas as características para desenvolver uma neurose de caráter obsessivo. Além da mãe, o pai mais uma vez se mostra imprescindível para o desenvolvimento psíquico da criança.

Garcia (2002), em seu artigo sobre o desejo paterno e a potencialidade polimorfa, aponta que dentre outros fatores contribuintes a esta estrutura da personalidade, encontra-se a presença de um pai ausente, omissivo, impossibilitado ou incapaz de assumir a função paterna. Esta autora explica que decorrente de uma cumplicidade materna e seu desrespeito diante da palavra do pai (seu marido), esta atitude traz, como consequência, uma idealização da mãe e o não reconhecimento do pai.

Um pai desautorizado, seja pela mulher, pelo meio social ou por sua própria incapacidade em assumir sua função de pai, está destituído do atributo que funda a admiração e o sentimento de segurança no filho, principalmente porque é a força da autoridade do pai que assegura à criança que seu primitivo desejo de morte, dirigido ao pai, não se realizará (Garcia, 2002).

A autora conclui que na potencialidade polimorfa, os desfalques na constituição do Eu narcísico podem ser causados não única e exclusivamente devido ao mal investimento e má enunciação por parte da mãe, mas também por parte do pai.

Para que a pessoa tome a si mesmo como objeto de amor, é necessário que ela tenha sido amada, investida e constituída como objeto de amor de seus próprios pais. Se isto não ocorre, temos um sujeito auto-depreciativo, que se sente fracassado e com a tendência a desvalorizar tudo o que possa ter vivido como positivo, responsabilizando a figura do pai por todas estas características (Garcia, 2002).

Folberg e Maggi (2002), em estudo que aborda a função paterna na sua essência e as possíveis consequências que a falha desta função pode trazer ao psiquismo do sujeito, explicam que é através do Complexo Edípico, no qual o sujeito é submetido à castração simbólica, e por tanto à função paterna, que o processo de simbolização pode ocorrer.

A forma com que o indivíduo lida e vivencia o Édipo e a castração simbólica será determinante da estrutura clínica deste sujeito; ou seja, a maneira através da qual este sujeito lidará com a falta, com a castração simbólica à qual a mãe é exposta, é que diferenciará a neurose, a psicose e a perversão (Folberg & Maggi, 2002).

As autoras explicam que o neurótico, por exemplo, aceitando a castração e tendo recalcado as lembranças perigosas e censuradas, é capaz de expressá-las através de processos secundários, como a linguagem e o pensamento; o neurótico é capaz de simbolizar através destes processos secundários.

O psicótico, ao ser confrontado com a falta do Outro, coloca-se como aquele que irá completá-la, colocando-se como o falo, e rejeitando a castração. O perverso, por sua vez, rejeita a realidade da falta e a castração do Outro através da diferença dos sexos, atribuindo um falo à mãe.

Como as marcas do Édipo não possibilitaram a castração e o recalçamento, o psicótico e o neurótico apresentam dificuldade de simbolizar. O neurótico se submete ao superego, instância herdeira do Complexo de Édipo, enquanto o psicótico não participa da dialética edipiana, rejeitando a realidade. O perverso, por outro lado, rejeita a castração, mantendo uma relação particular com a lei, manifestando gosto por comportamentos transgressivos e desafiadores. Nestas duas últimas estruturas clínicas, a castração e o recalçamento, provenientes do Complexo Edípico, não acontecem (Folberg & Maggi, 2002).

Os artigos referentes a esta temática demonstram a grande importância que não só o pai, como também a mãe, representam para a constituição da saúde mental e psiquismo do sujeito. A função paterna só pode operar na medida em que o pai está instituído no discurso materno. A mãe é uma figura imprescindível para que o pai desempenhe a sua Função de maneira efetiva.

Em relação à quarta e última temática denominada de “Outros”, engloba dois artigos cujos temas não se assemelham entre si, nem às demais temáticas propostas. O primeiro artigo relaciona a Paternidade e a genealogia do feminino, cujo objetivo foi abranger as relações existentes entre os registros do feminino, a paternidade e o sentido do discurso psicanalítico, partindo da problemática do patriarcado e fazendo uso da Genealogia como perspectiva teórica e metodológica. A constituição do sujeito, a falha da função paterna e suas consequências ao sujeito moderno foram assuntos recorrentes neste estudo.

Retomando estudos de Lacan, Joel Birman (2006), autor da pesquisa, inicia seu artigo ressaltando o esvaziamento da metáfora paterna encontrado na contemporaneidade, explicando ser esta uma das grandes questões que vem inquietando psicanalistas.

Tornando o significante Nome-do-Pai e o falo como aspectos centrais no Complexo de Édipo e na constituição do sujeito, Birman (2006) explica que Lacan considerava que o mal-estar da modernidade, marcado pela loucura e pela violência excessiva, seria consequência da fragilização da figura paterna. Uma vez enfraquecida a função do Pai – representante da Lei –, o imperativo da autoridade desaparecia e a relação entre os sexos seria marcada por rivalidade e luta por glória.

Birman (2006, p. 168) destaca que foi concedida ao significante Nome-do-Pai a “condição de exceção na cadeia de significantes, constitutiva do inconsciente e do desejo”. E que é esta condição de exceção atribuída a este significante, que indica que a diferença entre os sexos seria marcada não apenas pela distinção clara existente entre eles, ou pela diversidade entre as funções maternas e fraternas, mas principalmente pela hierarquia proporcionada às condições masculinas e femininas.

Partindo da suposição de que a teoria Lacaniana confere fundamento teórico para a lógica, ética e política do patriarcado, na qual o pai, como signo de exceção e representante da Lei, atribui um grau de superioridade hierárquica do homem em relação à mulher, Birman (2006) tece seus comentários e críticas relacionados à Psicanálise.

Este autor critica a teoria Lacaniana ao dizer que ela assume uma posição contrária às demandas de homossexuais e demais movimentos libertários associados às mesmas reivindicações políticas e sociais que o movimento gay. No mundo contemporâneo, onde o discurso feminista e o discurso homossexual romperam com os pressupostos do patriarcado (no qual o homem era visto e comparado à verdade absoluta e à perfeição e a mulher era subalterna e passiva), o discurso lacaniano fica sem reação, atribuindo marcas psicóticas aos comportamentos que não coincidem com o padrão da sociedade.

Mais adiante, destaca que Freud, no diz respeito à teoria da sexualidade, conjugou os paradigmas do Sexo Único (o homem se constituía como verdade absoluta e como

perfeição, enquanto que a mulher era submissa, passiva e subalterna) e da Diferença Sexual (influenciada pelo Iluminismo e pela Revolução Feminina, propunha igualdade de direito e a diferença entre os sexos passou a ser enxergada como algo natural), introduzindo neste, características do paradigma do Sexo único.

Birman (2006) explica que ao tornar o falo a pedra angular do inconsciente sexual proposto por Freud, a relação de identidade e diferença com o pênis, seria a marca permanente do sexo único no campo do discurso freudiano. E nesta articulação dos dois paradigmas promovidos pelo discurso freudiano, existiriam duas soluções. A primeira, inerente ao discurso de Freud, teria a figura do masculino sempre na origem da sexualidade – tanto para o menino quanto para a menina- e exatamente este masculino representaria a perfeição, da mesma forma que as características do patriarcado. A inveja do pênis registraria a condição feminina. A segunda solução, proposta posteriormente por Freud, inverteria a tradição do patriarcado e teria como origem a feminilidade. Neste discurso, a feminilidade representaria uma forma de sexo originário, diferindo do sexo masculino e do feminino exatamente por não ser marcado pelo falo.

Esta nova forma de interpretação do inconsciente e do sexual, explica Birman (2006), fez com que homens e mulheres pautados na lógica fálica rejeitassem a feminilidade. Este repúdio não é consequência apenas do biológico e do psíquico, mas sim proveniente de uma tradição simbólica que perdurou durante muito tempo na história política e social do patriarcado.

É neste novo discurso freudiano que Birman (2006) alude à contemporaneidade, ressaltando que é necessário superar todo o poder atribuído ao falo como signo da tradição do patriarcado para que se torne possível adentrarmos em um recomeço pós-patriarcal no que diz respeito à relação entre os sexos.

O segundo artigo, por sua vez, buscou discorrer sobre o processo de Preocupação Materna Primária de uma paciente durante o período da gravidez e pós-parto, considerando a importância do papel do pai durante este período (Granato & Aiello-Vaisberg, 2002).

Ao que diz respeito ao pai, foi possível averiguar quão importante é sua função de cuidador da relação mãe-bebê referida por Winnicott, tanto durante o período de gravidez quanto no pós-operatório, para que a mãe possa vivenciar a Preocupação Materna Primária de forma saudável e segura.

Verificou-se também a presença de um pai participativo e envolvido com a criança, apesar de não ter desempenhado a função de cuidador da relação mãe-bebê devido aos conflitos e separação dos cônjuges.

Considerações Finais

Partindo dos objetivos propostos neste trabalho, foi possível identificar que a produção teórica referente à Paternidade no contexto brasileiro esteve ligada às mais variadas temáticas, sendo priorizada na maioria dos artigos, a importância que o papel do pai desempenha na constituição do sujeito, da coletividade e do social, qual representação a paternidade vem assumido na atualidade e a relação existente entre a função paterna e a constituição da saúde mental do sujeito.

Constatou-se que os artigos foram publicados entre 1985 e 2011. Já em relação aos vínculos institucionais aos quais os autores estavam vinculados, a maioria das publicações foi associada a Universidade de São Paulo.

Quanto às áreas de produção dos artigos/autores dos artigos, a maioria das pesquisas se encontra pertencente à área da Psicologia, sendo dois artigos provenientes da Sociologia e Enfermagem. A metodologia de pesquisa mais utilizada pelos pesquisadores dos artigos foi a de caráter bibliográfico.

Em virtude deste trabalho científico ter sido realizado apenas consultando bases de

dados eletrônicos, talvez não tenha sido possível o acesso a todos os trabalhos produzidos sobre este tema, em virtude das restrições quanto a disponibilidade dos mesmos em bases de dados eletrônicos nas últimas três décadas.

Foi possível concluir a partir da análise dos artigos que a Paternidade e sua respectiva importância na Psicanálise encontram-se ligadas à função que a figura paterna (função paterna) apresenta ao ser determinante na constituição do sujeito, do coletivo, na transmissão da cultura e também na constituição da saúde mental do indivíduo. As correntes psicanalíticas que prevaleceram nos artigos foram a Freudiana, a Lacaniana e a Winnicottiana.

O Complexo de Édipo e o Complexo de Castração foram pedra angular no decorrer das produções analisadas, sendo impossível desconsiderar seus respectivos papéis na construção da subjetividade e psiquismo do indivíduo, e principalmente a sua relação com a função Paterna de interditor, representante da Lei e possível objeto de identificação.

Os achados aqui relatados são consistente com as proposições freudianas (1913/1996; 1930/1996) na medida em que o pai, além de protetor, carrega como principal função, a tarefa do interdito e proibição do incesto, que se originaram no totemismo. Inserindo o indivíduo na cultura através do desfecho edípico, a função do pai se faz essencial, na medida em que prepara o sujeito para conviver em sociedade.

Quanto aos pressupostos lacanianos, “não existe a questão do Édipo quando não existe o pai, e, inversamente, falar do Édipo é introduzir como essencial a função do pai” (Lacan, 1958, p.171). Os estudos são compatíveis com as ideias de Lacan (1958), uma vez que ao abordar a função do pai, considera-se a função que este vem ocupar dentro do Complexo de Édipo enquanto função simbólica, função-pai.

A maioria dos autores das pesquisas encontradas parece concordar que atualmente na sociedade tem havido uma falha, um declínio daquilo que eles denominam de “função paterna”, enunciada por Lacan (1958), responsável por fornecer ao indivíduo a noção de limites, transmitir a Lei, a cultura, a noção de coletividade e permitir ao sujeito se organizar enquanto sociedade.

Com a falha/declínio desta função paterna na sociedade contemporânea e a conseqüente fragilização do pacto social que esta falha acarreta, o sujeito moderno tem se configurado cada vez mais violento, desamparado, narcísico, individualista e intolerante às diferenças. A recorrência às transgressões e ao consumo de drogas por parte de alguns indivíduos parecem ser soluções que estes encontraram para se verem libertos do desamparo e das angústias provenientes ao declínio desta função.

Os estudos de Teixeira (2002), Rebouças (2001) e Dunker (1998), revelam que no mundo contemporâneo em que vivemos, os indivíduos, através destes atos transgressivos, clamam por uma Função (Paterna), por um limite, por uma lei/Lei que há muito tempo não se faz presente na sociedade.

A determinação da saúde mental do sujeito também apareceu ligada à figura e Função paterna, sendo o pai o responsável por marcar a separação do bebê com a mãe e por apresentar a ela o mundo externo, sendo para a criança, sua primeira noção de relação social com um mundo que não a mãe. Este achado vai ao encontro do que Dor (1991) nos revela sobre a falha da Função Paterna, uma vez que não surgindo o processo metafórico, compromete-se o acesso ao simbólico à criança, de forma que todo o registro da economia do desejo lhe é barrado. Permanecendo numa relação arcaica com a mãe, a criança continua se constituindo como único objeto de desejo da mãe, como seu falo.

A saúde mental, a constituição do psiquismo e a constituição da personalidade do sujeito demonstraram estar diretamente ligados ao desempenho da Função paterna, de modo que a falha desta função, como demonstrado por Freud e Lacan, implicaria em uma neurose obsessiva, caso o pai não desenvolvesse o seu papel de separador da díade mãe-filho. No desenvolvimento de psicoses, caso o indivíduo ao ser confrontado com a falta do Outro, colocasse-se como aquele que irá completá-la, atribuindo a si mesmo o papel de falo

e rejeitando a castração. O perverso, por sua vez, rejeitaria a realidade da falta e a castração do Outro através da diferença dos sexos, atribuindo um falo à mãe.

O pai também se mostrou necessário no processo de separação-indivuação da criança, na aquisição de um modelo de identificação masculina e na aquisição de sua autonomia. É impossível que um filho se separe de sua mãe sem que o pai interfira especificamente em todas as etapas do processo de separação-indivuação. Este resultado coincide com o que foi proposto por Winnicott (1983), uma vez que um dos papéis fundamentais do pai no estágio de Dependência Relativa é ajudar a mãe a sair do estado da Preocupação Materna Primária, lembrando-a de que além de mãe, ela também é esposa.

A paternidade também se fez fundamental no período de Preocupação Materna Primária, proposto por Winnicott. Foi possível averiguar que o pai desempenha um papel importantíssimo de “cuidador” da relação mãe-bebê, tanto no período de gravidez da mãe, quanto após o parto, para que a mãe seja capaz de vivenciar a Preocupação Materna Primária de forma saudável e segura. Este resultado é consistente com a proposta de Rosa (2009), que explica que uma das funções paternas atribuída ao estágio de Dependência Absoluta consiste em o pai ser o principal “cuidador” da relação mãe-bebê. Por ser neste estágio que a Preocupação Materna Primária se faz presente, e por esta consistir no fato de a mãe estar identificada com seu bebê, o papel do pai seria justamente sustentar e proteger a mãe das interferências do mundo externo, para que ela possa se entregar totalmente e tranquilamente à Preocupação Materna Primária.

Também ficou evidente com este trabalho que apesar de todas as transformações ocorridas na sociedade ao longo dos tempos, ao pai ainda é atribuída a função de provedor e mantenedor do lar. Entretanto, a maioria dos artigos parece concordar que atualmente tem havido uma revisão dos papéis a serem desempenhados por cada cônjuge dentro do ambiente familiar. Os homens passaram a ser mais sensíveis e participativos no cuidado dos filhos, configurando um modelo familiar diferente do modelo da família nuclear burguesa.

Isto pode ser comprovado através dos estudos de Dantas, Jablonski & Féres-Carneiro (2004), onde verificaram que com a família contemporânea em processo de transformação, presencia-se um intercâmbio entre a função materna e paterna, uma vez que, nos dias atuais, tanto homens quanto mulheres dividem seu tempo com o trabalho e com o cuidado dos filhos.

Para a Psicanálise, por outro lado, a paternidade é relacionada à função paterna, não estando necessariamente ligada à figura do pai/homem enquanto sexo masculino em si, mas sim à função simbólica do Nome-do-Pai, metáfora atuante na proibição do incesto, instauração da Lei e da cultura no indivíduo, conforme proposto por Lacan (1958) e comprovado pela maioria das pesquisas encontradas.

O pai continua sendo o responsável por/em seu papel simbólico de interditar a relação incestuosa mãe-filho e inserir o indivíduo na cultura e sociedade. Da mãe, por sua vez, ainda se espera cuidados fundamentais em direção ao bebê para que posteriormente seja possível a este criar seus primeiros laços com o outro e seu próprio espaço dentro do ambiente familiar. O pai, para a Psicanálise, é aquele a quem a mãe o nomeia, e não necessariamente aquele que participou na origem do filho.

Tendo sido revelado estes diversos aspectos a respeito da Paternidade sob o olhar da Psicanálise nesta pesquisa, pode-se concluir que em virtude dos diferentes arranjos familiares encontrados em nossa sociedade, existe uma diversificação e indefinição a respeito do papel paterno dentro do ambiente familiar. Para a Psicanálise, por outro lado, a paternidade é relacionada à função paterna, não estando necessariamente ligada à figura do pai/homem em si, mas sim à função simbólica do Nome-do-Pai, metáfora atuante na proibição do incesto, instauração da Lei e da cultura no indivíduo.

Por outro lado, destacando-se do que a maioria dos autores apresentou em suas pesquisas, Birman (2006) teceu seus comentários a partir de uma visão crítica em relação à importância do Pai dentro da Psicanálise enquanto apenas uma Função a ser desempenhada

dentro do Complexo de Édipo.

Ressaltando ser necessário superar todo o poder atribuído ao falo como signo da tradição do patriarcado para que se torne possível adentrarmos em um recomeço pós-patriarcal em relação entre os sexos, conforme proposto por Birman (2006), podemos indagar se o ambiente familiar contemporâneo realmente se encontra tão diferenciado dos modelos familiares anteriores, na medida em que a maioria das teorias ainda utilizadas como embasamento teórico das pesquisas são pautadas por uma visão patriarcal.

Referências

- Abrão, J. L. F. (2004). A tradição kleiniana no Brasil: uma investigação histórica sobre a difusão do pensamento kleiniano. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- Birman, J. (2006). Genealogia do feminino e da paternidade em psicanálise. *Natureza Humana*, 8(1), 163-180.
- Borsa, J. C., & Nunes, M. L. T. (2011). Aspectos psicossociais da parentalidade: o papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*, 29(69), 31-39.
- Brasileiro, R. F., Jablonski, B. B., & Feres-Carneiro, T. (2002). Papéis de gênero, transição para a paternidade e a questão da tradicionalização. *Psico*, 32(2), 289-310.
- Bruchini, M. C. A., & Ridenti, S. (1994). Família, casa e trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, 88, 30-36.
- Chechi, P., & Hillesheim, B. (2006). Paternidade e mídia: representações sobre o pai na contemporaneidade. *Barbarói*, 28, 89-104.
- Costa, G., & Katz, G. (1985). Considerações sobre a psicogênese da neurose e do caráter obsessivos. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 19(69), 69-85.
- Dantas, C., Jablonski, B., & Feres-Carneiro, T. (2004). Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. *Paidéia*, 14(29), 347-357.
- Dor, J. (1991). O pai e sua função em Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Dunker, C. I. L. (1998). Autoridade a Alteridade. *Interações: estudos e pesquisas em Psicologia*, 3(6), 79-85.
- Ferreira, N. S. A. (2002). As pesquisas denominadas "Estado da Arte". *Educação & Sociedade*, 79, 257-272.
- Folberg, M. N., & Maggi, N. R. (1996). Declínio da função paterna e dialética da simbolização. *Estilos da Clínica*, 1(1), 92-99.
- Freud, S. (1974). Totem e Tabu. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, trad., Vol. 13, pp. 13-163). Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1913).
- Freud, S. (1987). O mal-estar na civilização. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (J. Salomão, tra., Vol. 21, pp. 73-160). Rio de Janeiro: Imago (Original publicado em 1930).
- Garcia, E. L. (2002). O desejo paterno e a potencialidade polimorfa. *Psicanálise e Universidade*, 17, 73-89.
- Gomes, A. J. S., & Resende, V. R. (2004). O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 119-125.
- Granato, T. M. M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2002, julho/dezembro). O nome próprio da filha. Mudanças: *Psicologia da Saúde*, 10(2), 135-145.
- Lacan, J. (1958). O seminário livro 5: As formações do Inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- Martinelli, V., & Lo Bianco, A. C. (2006). Viver bem no mal: a ética psicanalítica da paternidade.

- Psicologia Clínica*, 18(2),143-159.
- Naves, J. O. V. (2001). Cervantes, D. Quixote e a modernidade. *Cadernos de Psicanálise*, 17(20), 141-150.
- Nolasco, S. (2001). De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco.
- Perucchi, J., & Beirão, A. M. (2007). Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psicologia Clínica*, 19(2), 57-69.
- Ramires, V. R. (1997). O Exercício da Paternidade Hoje. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Rebouças, A. M. (2001). O ato toxicofílico e a ordem cultural: apelo à função paterna ou gozo transgressivo, vocação intemporal do homem, que não de dobre à organização fálica? *Cadernos de Psicanálise*, 17(20), 95-117.
- Romero-Rodriguez, A. C., & Vizzoto, M. M. (2006). Saúde mental e relações parentais: considerações sobre as funções materna e paterna. Encontro: *Revista de Psicologia*, 10(3), 83-94.
- Rosa, C. D. (2009). O Papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. *Natureza Humana*, 11(2), 55-96.
- Roudinesco, E. (2003). A família em Desordem. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Silva, C. M. (1999). Tapas e Marcas. *Texto & Contexto Enfermagem*, 8(2), 107-113.
- Teixeira, L. C. (2002). Função Paterna, fratria e violência: sobre a constituição do socius na psicanálise freudiana. *Psico*, 7 (2), 195-200.
- Thurler, A. L. (2006). Outros horizontes para a paternidade brasileira do século XXI? *Sociedade e Estado*, 21(3), 681-707.
- Vorcaro, A., Mazzini, C. A., & Monteiro, J. P. (2008). Ato infracional e metáfora paterna. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(2), 135-146.
- Winnicott, D W. (1983). O Ambiente e os Processos de Maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed.
- Woodward, W. (1998). Rumo a uma historiografia crítica da psicologia. In A historiografia da psicologia moderna: versão brasileira (pp. 61-87). São Paulo: Loyola.